

---

## INTERCULTURALIDADE E MODERNISMO: SEMANA DE 22 E A QUERELA DA ARTE MODERNA.

*Patricio Dugnani<sup>1</sup>*

**Resumo:** Nesse artigo pretende-se debater sobre uma questão levantada por Carlos Zílio em seu livro a Querela do Brasil, na qual refletia, de maneira crítica, sobre a arte brasileira e sua identidade. Levando em consideração esse mote inicial, será observada a relação entre o modelo estético moderno que vinha se desenvolvendo na Europa, e a proposta modernista da Semana de Arte Moderna de 1922 de adaptação dessa influência, para fugir da visão etnocêntrica que contaminava o imaginário da cultura brasileira. Entendendo a arte, nesse caso, menos pela questão de estilo e mais como meio de comunicação, busca-se refletir sobre a estratégia da Semana de Arte Moderna de 1922 para adaptar a influência de um modelo cultural externo, como uma possível inspiração para ações interculturais que pudessem se impor sobre a tendência etnocêntrica de introdução de modelos culturais artificiais e importados através do uso dos meios de comunicação.

**Palavras-Chave:** Interculturalidade; Modernismo; Arte Moderna.

## INTERCULTURALITY AND MODERNISM: WEEK OF 22 AND THE QUARREL OF MODERN ART.

**Abstract:** In this article, we intend to discuss an issue raised by Carlos Zílio in his book Querela do Brasil, in which he critically reflected on Brazilian art and its identity. Taking this initial motto into account, the relationship between the modern aesthetic model that had been developing in Europe and the modernist proposal of the 1922 Modern Art Week to adapt this influence will be observed, to escape the ethnocentric vision that contaminated the imagination of culture. Brazilian. Understanding art, in this case, less as a matter of style and more as a means of communication, it seeks to reflect on the strategy of the Week of Modern Art of 1922 to adapt the influence of an external cultural model, as a possible inspiration for actions that could impose themselves on the ethnocentric tendency of introducing artificial and imported cultural models through the use of the media.

**Keywords:** Interculturality; Modernism; Modern Art.

---

<sup>1</sup> Professor e tutor de pesquisa do Centro de Comunicação e Letras - CCL da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP. Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP. Bacharel em Artes Plásticas pela Unesp. Professor nas áreas de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Artes do Colégio Giordano Bruno. Pesquisador dos grupos de pesquisa Linguagens e Narrativas Interculturais (CNPQ) e Linguagem, Sociedade e Identidade: estudos sobre a mídia - LISEM - (CNPQ), da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1134091744808680>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7877-4514>. Email: [patricio.dugnani@gmail.com](mailto:patricio.dugnani@gmail.com)

## INTERCULTURALIDAD Y MODERNISMO: SEMANA DEL 22 Y LA QUERRELLA DEL ARTE MODERNO.

**Resumen:** Este artículo pretende discutir una cuestión planteada por Carlos Zilio en su libro *A Querrela do Brasil*, en el que reflexionó críticamente sobre el arte brasileño y su identidad. Teniendo en cuenta este lema inicial, se observará la relación entre el modelo estético moderno que se venía desarrollando en Europa y la propuesta modernista de la Semana de Arte Moderno de 1922 para adaptar esta influencia, para escapar de la visión etnocéntrica que contaminaba el imaginario de la cultura brasileña. Entendiendo el arte, en este caso, menos como una cuestión de estilo y más como un medio de comunicación, buscamos reflexionar sobre la estrategia de la Semana de Arte Moderno de 1922 de adaptar la influencia de un modelo cultural externo, como posible inspiración para acciones que podrían imponerse a la tendencia etnocéntrica de introducir modelos culturales artificiales e importados a través del uso de los medios de comunicación.

**Palabras clave:** Interculturalidad; Modernismo; Arte Moderno.

### Introdução

Observando os movimentos artísticos que deram origem à busca de uma modernização da arte brasileira, e, conseqüentemente, um afastamento dos modelos clássicos (aqui denominados como acadêmicos) implantados num cenário artístico brasileiro ainda muito influenciado pelo modelo etnocêntrico europeu, fica uma pergunta, que deverá guiar as reflexões desse texto: Tomando como marco a Semana de Arte Moderna de 1922, é possível compreender esse evento como uma inspiração de ação intercultural?

Lembrando que nesse momento histórico, boa parte dos artistas acadêmicos ficavam limitados a reproduzir os temas e as técnicas de artistas europeus, com poucas exceções, como, por exemplo, Almeida Junior (1850 – 1899), em obras como *Amolação Interrompida* (1894), *Saudade* (1899), *O Violeiro* (1899), *O Caipira* (1893) e sua busca em retratar as pessoas do campo, a vida caipira, como era denominada.

Claro que não se pretende analisar a Semana de Arte Moderna como um ato ligado à ideia de interculturalidade, pois seria um erro crasso em relação à cronologia do evento e da teoria, mas sim observar esse momento como uma ação que buscava separar a arte brasileira, do modelo etnocêntrico europeu, baseado em estilos como o clássico, romântico e o realista. Esse movimento de separação parece estar bastante focado na estratégia antropofágica idealizada pelos artistas e escritores modernos brasileiros.

Também não se pretende, concordando com Carlos Zílio (1977), projetar na Semana de Arte Moderna de 1922, a responsabilidade da criação de uma identidade brasileira, mas sim, a vontade de criar uma expressão artística brasileira, um estilo, que ganhasse independência plástica e discursiva dos modelos modernos europeus. Nesse sentido pretende-se compreender as expressões estéticas, nesse artigo, menos como fenômeno plástico e mais como um suporte material de comunicação, uma maneira de materializar ideias e ideologias, um meio de comunicação. Por isso, não se fará uma análise das transformações técnicas e plásticas desenvolvidas por artistas modernos, como Anita Malfatti, ou Emiliano Di Cavalcanti, mas será observado como a Arte Moderna se tornou uma ação política e discursiva, contra a introdução de modelos artificiais, advindos da Europa. Nesse ponto é que se pretende entender esse momento como uma ação política de um *Homo Politicus*, concordando com Hannah Arendt (2007), e não apenas um ato de consumo (*Animal Laborans*), ou um fazer automatizado relacionado ao pensamento industrial da época (*Homo Faber*).

Para essa reflexão serão utilizados conceitos advindos de diferentes áreas, tendo em vista o tom interdisciplinar do objeto desse debate. Para compreender a Arte Moderna, a questão da antropofagia, as ambições e críticas relacionadas a ela, serão utilizados dois autores principais, Carlos Zilio (1997) e Leda Tenório da Motta (2022). Para pensar sobre a arte, mais como um suporte material do discurso de uma época, como um meio de comunicação, e menos como expressão plástica e estética, serão utilizados conceitos de autores como Marshall McLuhan (2016) e Dugnani (2018).

Por fim, para realizar essa pesquisa exploratória e teórica, serão utilizadas as reflexões de Lisette Weissmann (2018), Margarida M. Krohling Kunsch (2017) e Maria Aparecida Ferrari (2015), para compreender o conceito de interculturalidade, além de diferenciar, concordando com Weissmann (2018), outras visões sobre o processo de contato e troca entre culturas, como o conceito de multiculturalidade.

Com isso, entendendo a interculturalidade como um conceito que propõe uma nova relação entre as formas de culturas desenvolvidas em um mundo globalizado, e que tem como suporte de comunicação os meios digitais e globais, será possível verificar se é as ações dos artistas modernos brasileiros, principalmente em relação à Semana de Arte Moderna, serviriam como uma inspiração para novas ações capazes de propiciar a mistura equilibrada e justa entre as culturas, e não da forma como se tem desenvolvido até a atualidade pós-moderna, onde a globalização, concordando com Milton Santos (2001), apenas teria dividido os males, e não os benefícios entre populações que formam a humanidade.

### **Arte como meio de comunicação**

Nesse artigo, não se pretende verificar, nem analisar as transformações estéticas, técnicas e formais que o Modernismo Brasileiro imprimiu no fazer artístico no século XX, mas pretende-se observar a reflexão sobre o pensamento sociocultural que esse movimento trouxe, sobre o entendimento da relação entre culturas, não mediadas por visões etnocêntricas. O Modernismo Brasileiro, representado pela Semana de Arte Moderna de 1922, com sua atitude provocativa e de enfrentamento, mais que um movimento artístico, torna-se um discurso contra atitudes civilizatórias e a tentativa de imposição de modelos artificiais de culturas. Entendendo cultura, de acordo com Clifford Geertz (2008), como um sistema de signos que visa atribuir significado a expressões humanas.

Nesse sentido, concordando com Zílio (1997), entende-se que a arte, principalmente a brasileira, não se funda somente em transformações técnicas e estéticas, mas num processo dialético e histórico, que revela as contradições inerentes a todos os discursos, fazendo que desponte uma síntese material, possível, e não idealizada.

Diria que a tese central permanece ao afirmar que uma arte brasileira não nasce do voluntarismo ou de fórmulas, mas de um processo histórico capaz de expressar a maturidade cultural e transformações sociais, segundo uma relação dialética e não de causa e de efeito. A concepção de uma arte brasileira não pode, portanto, ser tomada como um objetivo, mas como a arte que é feita no Brasil, ou seja, realizada conforme condições materiais e culturais específicas. (ZILIO, 1997, p.09)

A partir dessa reflexão, nesse artigo entende-se a arte mais como um suporte material das mensagens e discursos codificados e contextualizados por uma sociedade, do que expressão estética. Por isso, antecipando as possíveis críticas, não se pretende desprezar o status e a importância da arte como expressão, como elemento transformador, mas reserva-se esse momento para compreendê-la, também como meio de comunicação. Tomando-a como meio de comunicação, pretende-se observá-la partir do discurso político que representa, e da possibilidade das ações realizadas por precursores do Modernismo Brasileiro, que possam ser entendidas como estratégias interculturais, pois fazem emergir debates importantes quanto a formação, preservação e misturas de culturas. Focando no

movimento Antropofágico, pretende-se observar como as ações inauguradas, de maneira simbólica, na Semana de Arte Moderna de 1922, revelam, é claro, uma busca de uma modernização da arte brasileira, mas também, e mais importante para esse artigo, uma maneira expressar e libertar a cultura brasileira do jugo da visão etnocêntrica impressa no processo de colonização.

Sendo assim, entendendo a arte como meio de comunicação, acredita-se que ela não seja responsável apenas pela transmissão dos conteúdos, mas, concordando com McLuhan (2016), ela é um elemento que produz transformação na consciência e no comportamento dos seres humanos, além de estender a percepção deles, para além dos limites sensíveis dos sentidos.

Para McLuhan (2016) o meio é mensagem, o meio é informação pura, pois é capaz de transformar comportamento e consciência dos seres humanos, partindo, é claro, de uma definição de informação que a afirma como conteúdo que produz mudanças na sociedade (COELHO NETTO, 2012). Além disso, para o autor das Teorias dos Meios, o meio não apenas transmite a mensagem, ou é apenas um suporte material da mensagem, mas o meio é um componente ativo, que produz alterações na percepção do humano. McLuhan (2016) afirma que os meios estendem a percepção humana, fazendo com que o ser humano (através da TV, ou Internet, por exemplo) possa acessar informações que não seriam alcançadas apenas com seus sentidos naturais.

Portanto, com esse olhar da teoria dos meios é que se pretende observar a arte como meio de comunicação, capaz de produzir transformações, pois independente da mensagem que é capaz de transmitir, a simples existência e uso dos meios, no caso a arte, possibilita um processo de transformação da sociedade.

### **Interculturalidade como reflexão**

Os estudos interculturais, partindo das reflexões de Weissmann (2018) caminham em movimento inverso ao Multiculturalismo, isso porque ao invés de destacar e estudar as culturas distintas por suas diferenças, prefere partir de suas semelhanças. Esse movimento torna-se bastante conciliador, pois acaba, justamente, destacando aquilo que une as culturas e não o que as separa. Num planeta que sofre um processo de globalização acelerado pelo uso dos meios digitais (ROSA, 2019), que como dito anteriormente, são capazes de ampliar o alcance das mensagens e a extensão da percepção humana a nível global, é óbvio que as culturas acabarão por se encontrar e se misturar em uma velocidade cada vez mais rápida, até por essa equação que McLuhan (2016) preconizou que esse processo levaria o humano para além de uma internacionalização ou mundialização (ORTIZ, 2007), e mesmo uma globalização, mas que os seres humanos chegariam a se organizar em torno de interesses cada vez mais comuns, por causa da aproximação das culturas, formando assim uma Aldeia Global. No entanto, revendo a análise do autor, observando o aumento da polarização dos grupos humanos, da fragmentação das comunidades formadas a partir da mediação dos meios de comunicação de massa (BAITELLO, 2015), do recrudescimento das fronteiras e de um processo de desglobalização (DUGNANI, 2018) acelerado, cria-se uma desconfiança de que, provavelmente, o processo de retribalização que levaria a uma Aldeia Global descrito por McLuhan (2016), possa não ocorrer, apenas pelas mudanças tecnológicas impressas pelo uso dos meios digitais de comunicação, mas que talvez seja necessário uma intervenção estratégica humana, a qual poderia se dar a partir dos Estudos Culturais – a interculturalidade – e pelo desenvolvimento de uma comunicação intercultural.

Um dos aspectos mais importantes para o estudo da interculturalidade é a identificação dos processos comunicacionais que, ao lado da cultura, estabelecem as bases para o diálogo cultural entre as pessoas e *nas* e *entre* organizações com seus públicos e as demais instituições. (FERRARI, 2015, p.1)

A princípio entende-se como interculturalidade, de maneira simples, como identificou Ferrari (2015) como sendo a relação entre indivíduos de culturas distantes e que ocorre desde há muito tempo na história humana.

A interculturalidade significa a relação entre pessoas de distintas culturas e, na verdade, ela se produz desde os inícios da humanidade, à medida que pessoas de culturas diferentes se relacionaram ao longo da história. Para compreender melhor as especificidades das terminologias, separamos e comparamos o conceito de multiculturalismo e de interculturalidade. (FERRARI, 2015, p.7)

Contudo, nesse estudo, consideraremos a interculturalidade como um campo mais recente, oriundo dos Estudos Culturais de Stuart Hall (2004), que busca estudar as relações entre culturas, afastando-se das visões etnocêntricas que muitas vezes guiaram as reflexões das ciências humanas, em especial da Sociologia e da Antropologia. Além de se afastar das visões etnocêntricas, busca incorporar um novo ponto de vista de análise que, como dito antes, também se afasta das ideias multiculturalistas.

Já o conceito de interculturalidade, segundo Barbosa e Veloso (2007) enfatiza o oposto: que a ‘comunicação’ entre os diferentes que habitam em um mesmo espaço ao mesmo tempo se dá pela necessidade do estabelecimento de uma base comunicacional comum, a partir de sua mútua compreensão a respeito do que, naquele determinado contexto, deve ser o centro da comunicação. (FERRARI, 2015, p.4)

Os estudos interculturais são de fundamental importância para o momento contemporâneo, que se denominará como pós-moderno, pois têm potencial de desenvolver estratégias que podem tornar o contato entre culturas diferentes mais eficiente. Além disso, com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, e porque não dizer, dos meios de transporte (que para McLuhan se resumem a meios, ferramentas), acaba-se por ampliar o alcance das informações e a percepção humana (MCLUHAN, 2016). Com isso, esses contatos entre culturas vão se tornando cada vez mais comuns, e, seja no âmbito global pelo acentuado fluxo de migrações populacionais que ocorrem na Pós-modernidade, ou pela extensão que os meios digitais imprimem no contato entre humanos, ou ainda, seja no âmbito mais micro, como no contato entre funcionários de instituições privadas multinacionais que precisarão trabalhar juntos, torna-se essencial, em um mundo cada vez mais globalizado, desenvolver processos de contatos entre culturas, ou seja, a comunicação intercultural.

A comunicação intercultural pode ser entendida sob vários ângulos, tanto no âmbito global da sociedade, quanto naquele mais focalizado em ambientes específicos como a comunicação que acontece entre instituições e organizações e diversos países. Essa comunicação adquire um papel cada vez mais importante no contexto da globalização e das transformações mundiais que caracterizam nossa realidade de hoje. Com o desenvolvimento tecnológico, a globalização da economia e a superação das fronteiras, há uma migração generalizada da população e, conseqüentemente, um avanço do multiculturalismo. Faz-se necessário aprender a trabalhar em conjunto com culturas diferentes e enfrentar novas realidades nos mais diversos campos de atuação. (KUNSCH, 2017, 341)

Por isso considera-se a Semana de Arte Moderna de 1922, e toda ação do Modernismo Brasileiro, um exemplo de ação intercultural, que através da arte, produz uma reflexão crítica que poderia levar, e como levou no início do século XX, ao desenvolvimento de um pensamento crítico quanto à tentativa de imposição de modelos culturais a outras sociedades. Os estudos interculturais devem, dessa forma, procurar observar e analisar esses momentos históricos que se apresentaram como possíveis exemplos de ações interculturais. Deve realizar essa revisão, para desenvolver suas análises e, com isso, tornar os processos de comunicação intercultural cada vez mais eficientes. Com esse movimento revisionista, acredita-se que será possível fazer avançar o conhecimento dessa área do saber, bem

como, tornar as estratégias de trocas entre culturas mais eficientes, para poder preservar as diferentes culturas de atos etnocêntricos, que poderão e deverão acontecer de maneira cada vez mais acelerada a cada desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Sendo assim, com estratégias comunicacionais e ações interculturais, talvez seja possível realizar a projeção utópica de McLuhan (2016): o surgimento de uma Aldeia Global.

### **Modernismo como ação intercultural**

A principal querela da arte moderna brasileira que Zílio (1997) queria expor, surge de uma dupla redução, e nesse movimento que se observa um sintoma do que na atualidade pós-moderna se busca entender no campo dos estudos interculturais em uma sociedade mediada por meios de comunicações digitais e de alcance global: como é possível que as culturas se misturem, sem que uma se imponha sobre a outra?

Essa dupla redução na arte moderna brasileira se caracteriza primeiro pela busca de um estilo brasileiro, que valorizasse a nacionalidade, mais no sentido estético, do que propriamente como um discurso que buscasse criar uma identidade que geraria, por fim, uma união da população em torno das representações e valores da nação. A segunda redução, estaria mais relacionada à solução estética mais individualizada do artista procurando criar um estilo próprio, bem ao gosto do pensamento da arte moderna em geral.

No que se refere, então, ao estilo brasileiro, segundo o ponto de vista modernista, ele se atualizaria por meio de uma dupla redução. A primeira diz respeito ao confronto entre um estilo de um centro internacional e as condições próprias à produção de arte na sociedade brasileira (seus condicionamentos econômicos, sociais e culturais). A segunda se dá no nível do próprio estilo brasileiro, e se refere a uma solução específica que a individualidade do artista vai dar a esse estilo. Assim, o Modernismo teria sido resultado de uma primeira redução na interpretação nacionalista comum dada à arte moderna (estilo brasileiro), e num segundo nível, da repercussão individualizada que teve em obras como as de Tarsila e Di Cavalcanti. (ZILIO,1997, p.17)

Para Zílio (1997) essa busca de uma identidade cultural brasileira, que o nacionalismo prega, ou seja, a criação de uma espécie de modelo absoluto de conduta e valores que expressasse o que é ser brasileiro, pertence mais ao âmbito político, do que o estético, ou seja, não era esse o anseio dos modernistas brasileiros. Mais do que criar uma identidade nacional brasileira, os modernistas se interessavam por criar um estilo que pudesse expressar o imaginário simbólico brasileiro.

Para designar esta orientação de busca de uma singularidade cultural caracterizadora da nacionalidade, tem-se utilizado a expressão “identidade cultural brasileira”. [...] Pensar identidade em arte coloca de imediato um problema de definição. Se por identidade se compreender os traços definidores de uma obra, poder-se-ia melhor entender toda a sua extensão pela definição de estilo. [...] Voltando à expressão ‘identidade da arte brasileira’, veremos que ela ganha todo o seu significado se substituída por ‘estilo brasileiro’. Sem dúvida, a ambição modernista não era outra senão a de criar um estilo e, conseqüentemente, ser capaz de expressar globalmente o universo simbólico brasileiro. (ZILIO,1997, p.16)

No entanto, para esse artigo, a solução conciliadora dos modernistas, divulgada através das soluções estéticas dos artistas, como um discurso que poderia representar uma ação que os estudos interculturais deveriam analisar e usar como exemplo de uma tentativa de fundir referências diferentes de culturas distintas, estaria por traz de um duplo desafio enfrentado pelo Modernismo Brasileiro. Esse duplo desafio está marcado, por exemplo, nas apresentações e exposições da Semana de Arte Moderna de 1922, e se caracteriza como um problema que poderia ser considerado, a

princípio, indissolúvel: Como modernizar a arte sem perder a expressão simbólica do imaginário brasileiro?

Partindo desse desafio, os modernistas encontraram uma solução interessante para esse problema: serem formalmente modernos, mas buscarem o universo simbólico brasileiro. Para Zilio (1997) processo se deu em duas partes, a primeira em torno dos acontecimentos que levaram a Semana Moderna de 1922, e depois, no início da década de 30, aderindo ao movimento uma temática mais social.

O primeiro deles inicia-se pouco depois em 1922 e objetiva a criação de uma linguagem que, sendo moderna, fosse também brasileira. O segundo momento ocorre no início da década de 1930, quando o movimento vai-se adaptar às necessidades de uma arte de temática social. Não há uma saída do universo plástico anterior, apenas sucede-se aos anos de descoberta e exploração da arte moderna outro período em que as intenções políticas privilegiam a tendência a um maior realismo. Todo esse período vai ser marcado pela permanência da arte brasileira, mesmo com todas as variações que mencionamos, preponderantemente dentro dos princípios pós-cubistas. (ZILIO,1997, p.17)

Sendo assim, mesmo debaixo de algumas críticas, o Modernismo Brasileiro conseguiu criar um caminho em busca de conciliar culturas diferentes, sem, com isso, deixar de lado as expressões nacionais, em detrimento de um modelo cultural artificial, como já ocorria desde a colonização, e ainda ocorre no século XX e XXI, haja vista, por um processo de industrialização da cultura, denunciado, principalmente, pela Escola de Frankfurt, e por autores como Theodor Adorno e Max Horkheimer (2000).

Esse movimento de modernização plástica da arte, sofre influência forte dos modelos vanguardistas que se desenvolviam, principalmente na Europa. Se os modernistas brasileiros, apenas se adequassem a esse modelo formal, imitando soluções técnicas de artistas cubistas, ou expressionistas, acabariam reforçando e dando continuidade a modelos etnocêntricos injetados na arte brasileira. Esse fenômeno ocorreu anteriormente, quando da introdução do modelo Neoclássico, com a chegada da família real no Brasil, e pelo subseqüente desenvolvimento do que ficou conhecido como Arte Acadêmica, ou seja, muitas vezes uma colagem de soluções plásticas e temas baseados em movimentos artísticos tipicamente europeus, como o Romantismo, o Realismo, e o próprio Neoclassicismo.

No entanto, os artistas do modernismo brasileiro, representados por nomes como Tarsila do Amaral (embora não tenha participado da Semana de arte Moderna de 1922) e Emiliano Di Cavalcanti (1897 – 1976), ou posteriormente, pela figura de Cândido Portinari (1903 – 1962), influenciados, é claro pelas ideias de Mario de Andrade (1893 – 1945) e Oswald Andrade (1890 – 1954), não se pode esquecer, conseguiram uma solução, que considera-se bastante intercultural (mesmo que os Estudos Interculturais ainda não tivessem sido desenvolvidos): Conciliar a plasticidade das vanguardas modernas europeias, com a temática, e mesmo as cores típicas brasileiras. Foi assim que, para essa reflexão, os artistas brasileiros conseguiram vencer o desafio de modernizar a arte, sem perder, ou melhor, se render ao modelo etnocêntrico europeu. Conseguindo, assim, criar um dos primeiros momentos da arte no Brasil, onde a cultura brasileira buscava ser expressa através de suas características, e não pelo filtro de outras culturas. Essa foi a grande estratégia do modernismo brasileiro, para tentar romper a forte influência que o Brasil sofria dos movimentos civilizatórios e etnocêntricos desde seu processo de colonização. Observa-se, por exemplo, esse movimento em obras como *O Abaporu* (1928), *A Cuca* (1924), *A Negra* (1923), *O Urutu* (1928), entre outras obras de Tarsila do Amaral (1886 – 1973). Fica claro o uso das formas geométricas e fragmentadas típicas do Cubismo, mas com o tema brasileiro, além de uma coloração típica das obras da pintora, que ficaram conhecidas como cor caipira, ou seja, as cores do Brasil.

Nesse sentido, a visão antropofágica defendida por Oswald de Andrade e Mário de Andrade faz todo sentido, como uma estratégia que poderia ser utilizada e investigada pelos Estudos Culturais na Pós-

modernidade. Não apenas aceitar os modelos culturais diferentes, ou, simplesmente, rechaçá-los, mas sim, devorá-los, como bons canibais (antropófagos) que somos e depois digeri-los vagarosamente até sintetizarmos algo que represente a cultura brasileira. Essa é a grande lição deixada pelo modernismo brasileiro para os Estudos culturais na Pós-modernidade.

### **Considerações finais**

A partir das reflexões expressas nessa argumentação, considera-se a Semana de Arte Moderna de 1922 e todo o movimento dos artistas, poetas e pesquisadores do Modernismo Brasileiro uma ação que pode servir de exemplo de um projeto de comunicação intercultural que buscou romper com o movimento etnocêntrico de imposição de modelos culturais entre diferentes grupos humanos do globo.

Por isso, levanta-se a necessidade de uma revisão histórica de momentos em que o contato entre culturas se demonstrou eficiente, quanto ao respeito entre as diferenças (multiculturalismo), além, e não somente, na busca em se encontrar semelhanças. Observando essa questão, torna-se fundamental a procura contante em estabelecer um diálogo transformador entre as diferenças e semelhanças, um entrelaçamento capaz de gerar perspectivas diversas de aproximações entre culturas (interculturalidade), e não de imposição de modelos estabelecidos.

Justifica-se essa necessidade, para que os estudos das relações entre culturas possam desenvolver estratégias de comunicação, que venham a amenizar conflitos, e mesmo violência, entre as distintas culturas que compõem a humanidade dispersa pelo globo terrestre. Num mundo cada vez mais globalizado, mediado por meios de comunicação com alcance global (como os meios digitais) que favorecem e aceleram os contatos entre essas culturas distintas, torna-se imprescindível o desenvolvimento de estratégias e habilidades que favoreçam a aproximação entre elas, para que uma não se imponha à outra de maneira etnocêntrica, e para que seja possível resgatar o respeito em relação às expressões culturais típicas de cada comunidade. O fortalecimento da alteridade entre os indivíduos de culturas distintas e o conseqüente enfraquecimento da visão individualista que assola a Pós-modernidade, deveria se caracterizar como um projeto mundial, para o combate ao preconceito, à xenofobia, e a todas as visões fundamentalistas e polarizadas que têm criado raízes nas relações humanas no momento contemporâneo. Talvez, assim, seja possível alcançar a visão que ainda parece utópica de um mundo para todos, de uma Aldeia Global, como previa McLuhan (2016).

Sendo assim, não basta somente a mediação dos meios de comunicação para produzir esse efeito, torna-se necessário o desenvolvimento de estudos e estratégias que possibilitem que esses contatos entre culturas se tornem equilibrados e justos, e não artificiais e etnocêntricos. Concordando com McLuhan (2016) a introdução de novos meios na sociedade produz transformações no comportamento e consciência humanos, mas, na visão desse artigo, nem sempre promovem mudanças que valorizam as ações políticas assentadas em visões éticas, como espera-se do *Homo Politicus* descrito por Arendt (2007).

Nesse hiato é que se acredita que os estudos ligados à interculturalidade deva se debruçar, para criar projetos que possam desenvolver um contato entre as culturas que seja capaz de, a partir da observação das semelhanças entre elas, produzir uma troca justa, equilibrada de informações, para que, de maneira dialética, respeitando as contradições entre elas, chegue-se a uma síntese histórica e possível de suas características, produzindo bons encontros como Espinoza descrevia em seus estudos (DUGNANI, 2016).

Por todas essas questões, é que se pretendeu sugerir o desenvolvimento dessa revisão histórica de momentos em que as culturas se encontraram e buscaram soluções criativas, como a Semana de Arte Moderna de 1922, e todo movimento modernista brasileiro. Com essa iniciativa será possível



construir uma sociedade global mais justa, acreditando, assim, que os Estudos Interculturais poderiam desenvolver projetos de comunicação que viabilizassem esse processo.

## Referências

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas. In: LIMA, L. C. *Teorias da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAITELLO, N. (A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo). As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos). (in). LOPES, M. I. V. de, e, KUNSCH, M. M. K. (org.). *Comunicação, cultura e mídias sociais*. São Paulo: ECA-USP, 2015.

COELHO NETTO, J. T. *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DUGNANI, P. Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-14, maio, junho, julho e agosto de 2018: ID27918. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>.

DUGNANI, L. A. C. *Psicologia Escolar e Práticas de Gestão na Escola: um estudo sobre os processos de mudança mediados pela vontade*. Campinas: PUC-Campinas, 2016. 199p.

FERRARI, M. A. Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. In: MOURA, C. P; FERRARI, M. A. (orgs.). *Comunicação, Interculturalidade e Organização: faces e dimensões da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

GEERTZ, C. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, 2004.

KUNSCH, M. M. K. Comunicação Intercultural e Cidadania em tempos de Globalização. In. *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – o caso das Ciências da Comunicação*. Minho: CECS, 2017. p. 337-354. Disponível em <[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2729](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2729)>.

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Cultrix: São Paulo, 2016.

MOTTA, L. T. da. *Cem anos da Semana de Arte Moderna. O gabinete paulista e a conjuração das vanguardas*. São Paulo: Perspectiva, 2022.

ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ROSA, H. *Aceleração A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.

SANTOS, M. *Por uma Outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141569542018000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542018000100004&lng=pt&nrm=iso)>.

ZILIO, C. *A Querela do Brasil: a questão da identidade da arte brasileira: as obras de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari, 1922-1945*. Relume- Dumará, Rio de Janeiro, 1997.